

Cuidados na hora de se comunicar

Especialistas falam sobre os principais cacoetes e vícios que devem ser evitados por alunos e professores

Por Lídia Borges
editorial@humanaeditorial.com.br

É pouco provável que alguém nunca tenha cometido ao longo de sua vida algum tipo de cacoete de linguagem. Nem é preciso pensar muito para se lembrar de um ou dois que façam (ou já fizeram) parte de sua locução. Um famigerado "né", no fim de uma frase, ou um "então" solto, no começo, são fantasmas bastante comuns nos mais variados níveis de diálogo. Numa varredura mental mais apurada, pode ser que se encontrem exemplos mais graves, como a concordância incorreta do verbo haver ("houveram" muitos candidatos) ou a pronúncia errada da palavra rubrica (como "rubrica").

Regionalmente, existem situações bem características. Em São Paulo, é muito corriqueira a falha no plural, quando se engole o "s" deliberadamente ("dois menino"). Em Goiás, isso se traduz na falta de concordância verbal ("nós foi"), assim como em parte do Nordeste ("tu sabe"). Estes

são, inclusive, desvios classificados pela gramática como vícios de linguagem. Erros relativos à grafia ou pronúncia são chamados de barbarismos e os de sintaxe, solecismos (*veja quadro completo a seguir*).

"O desafio é desenvolver no aluno a sensibilidade para saber quando usar cada forma de linguagem"

Wolney Unes, professor da
Universidade Federal de Goiás (UFG)

E tudo isso ganha uma lente de aumento se o cacoete é cometido pelo docente. Isso porque é principalmente na escola que o aluno busca suas referências dos padrões gramaticais e da construção da linguagem formal - o que não significa que o diálogo tenha que ser totalmente baseado na norma culta, já que se trata da oralidade. "O problema é que, em geral, os professores têm uma linguagem que não é mode-

lo, nem mesmo os colegas de disciplina", afirma o diretor do Colégio Sigma, de Goiânia (GO), Jorge Pita, que leciona Língua Portuguesa há mais de 30 anos.

Para o educador, muito da dificuldade pode ser explicada pela escassa e pobre bagagem de leitura da população. "Não se pode esperar muito da linguagem de um país que não lê." As fontes de informação (e consequentemente as referências para a construção das falas e raciocínios) muitas vezes são baseadas na mídia em geral: revistas de fofoca, blogs sobre temas superficiais (alguns sem sequer uma preocupação gramatical) e jornais sensacionalistas, dentre outros.

Não é à toa que os clichês, bordões e gírias divulgados pela TV, por exemplo, são facilmente assimilados. Neste quesito, as novelas são grandes "inspiradoras". Recentemente, a expressão "are baba" esteve na boca do povo por causa da produção da Globo que retratava a cultura da Índia. A própria emissora

teria constatado em pesquisa que esta e outras referências à língua indiana feitas na novela não eram bem compreendidas pelo público, segundo informações do jornal Estadão. Em outras palavras, muito do que é dito sequer é entendido por quem fala, o que configura um grave vício de linguagem.

Entre os jovens, as gírias são mais frequentes. Muitas são extraídas do chamado "internetês", que é a linguagem usada na internet, com influências da informática. "Deletar", além do sentido de apagar, pode ser usado para denotar desprezo ("Deletei essa pessoa da minha vida"). Outra expressão comum é "tipo assim", que é usada em diversas circunstâncias e, normalmente, de forma indiscriminada.

Nesses casos, é preciso entender que a gíria funciona como mecanismo de defesa e de identificação de um grupo. "É interessante que os adolescentes tenham suas próprias 'senhas' para se preservar dos adultos", frisa Pita. Mas como tudo, a linguagem informal também deve ter limites.

Na escola, o estudante deve ser preparado para os vários registros da língua e, portanto, para o formal, conforme afirma o professor da Universidade Federal de Goiás (UFG), Wolney Unes, que é doutor em Letras. "O outro desafio é desenvolver no aluno a sensibilidade para saber quando usar cada forma de linguagem", acrescenta. Por isso, avalia Wolney, o educador deve apresentar um contraponto à comunicação verbal que é aprendida fora da sala de aula. Geralmente, é na escola que a criança tem a primeira oportunidade de contato social fora da família e, portanto, é nesse ambiente que ela vai diversificar o seu vocabulário. "É claro que a linguagem do professor deve estar adequada à idade de sua turma, mas é preciso também que sejam inseridos elementos formais para que essa criança esteja preparada para lidar com o traquejo social, com as hierarquias e outras situações quando for necessário", completa.

CERTO USADO DE FORMA ERRADA

A classificação formal da gramática sobre os vícios de linguagem não comporta tantos desvios praticados. Uma palavra ou expressão corretamente grafada e pronunciada pode se tornar um cacoete se utilizada repetidamente durante o diálogo ou fora de seu contexto. Exemplos não faltam. "Veja bem" e "de modo que" são expressões muito empregadas por palestrantes e professores como agentes de introdução e coesão, respectivamente, durante a fala. Em geral, é uma construção correta, mas o problema está no uso excessivo destes e de outros termos. Em uma aula, ditos diversas vezes, podem até incomodar e atrapalhar a concentração do aluno.

O professor Pita lembra ainda que outro equívoco cometido por muita gente, como os executivos, é o uso de uma linguagem aparentemente difícil sem a devida contextualização. "Muitas vezes, são chavões vazios, que procuram dar uma conotação de seriedade ao diálogo. Em muitos casos, a opção é por palavras estrangeiras. Um empresário pode dizer que a equipe precisa fazer um 'upgrade' do projeto, ao invés de falar em atualização ou melhoria", exemplifica.

Isso também acontece com jargões usados pelos profissionais de diversas profissões. Entre os policiais, "elemento" significa pessoa suspeita, mas a palavra não é recomendada em textos jornalísticos pelos manuais de redação, por exemplo.

ATENÇÃO

Evitar os vícios de linguagem requer mudança de hábitos e a recomendação dos especialistas sempre passa por uma observação crítica do próprio diálogo. O professor precisa estar atento aos termos usados com seus alunos ou com os pais. Uma expressão, por mais correta que esteja, será incômoda se for muito repetida.

A leitura, como sempre, pode ser um dos "remédios para este mal". A partir de sua diversificação, o vocabulário passa a ser enriquecido de forma que se enfraqueçam os cacoes da comunicação. M

VÍCIOS DE LINGUAGEM CLASSIFICADOS PELA GRAMÁTICA NORMATIVA TRADICIONAL

Barbarismos: erros em relação à pronúncia, grafia, semântica, morfologia e uso de estrangeirismos – "sombancelha" (correto: sobrançelha)

Solecismo: desvios de sintaxe, seja na concordância, regência ou de colocação – "fazem cinco dias" (o certo seria faz); "assisti o filme" (ao filme)

Cacófato: é o som desagradável ou obsceno na sequência das palavras – "conforme já", "boom da sociedade", "marca gol"

Eco: repetição de terminações iguais em prosa (rimas) – "Realmente, Vicente tem uma mente doente"

Colisão/hiato: proximidade de sons consonantais ou vocálicos idênticos ou semelhantes – "A Secretária de Saúde solicita secretária nova na sexta"

Ambiguidade: duplo sentido – "a cadela da sua irmã"

Preciosismo: exagero da linguagem – pretérita

Arcaísmo: uso de termos antiquados, que caíram em desuso – "Vossa Mercê", "por obséquio"

Plebeísmo: gírias ou termos que demonstram falta de instrução – "tipo assim"

Pleonasmos: repetição desnecessária de palavras para expressar uma ideia – "subir pra cima", "surpresa inesperada"

Neologismo: criação desnecessária de palavras novas

Fontes: InfoEscola (<http://www.infoescola.com>), Colégio Rainha da Paz (<http://www.rainhadapazgl2.br/home.htm>) e Algo Sobre Vestibular (<http://www.algosobre.com.br/>).

OUTROS EXEMPLOS

Uso de clichês: "luz no fim do túnel", "abrir com chave de ouro", "página virada"

Uso de jargões: "elemento" (uso policial para designar pessoa), "em off" (termo jornalístico para a informação cuja fonte pede anonimato)

Expressões usadas de forma repetitiva ao longo do diálogo: "de modo que", "compreende?", "veja bem", "enfim"

Palavras usadas fora de contexto ou de forma vaga: "auto-sustentável", "autocrítica", "interessante", "formidável"

Gerundismos: uso indiscriminado do gerúndio – "vamos estar atendendo" (vamos atender/atenderemos)

Expressões empregadas erroneamente: "através de" (o sentido certo seria o de atravessar algo).